

União de Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil
Seminário Teológico Congregacional do Nordeste
Programa de Pós-Graduação em Teologia

Magno Marcouse Reges

**KARL BARTH: A PALAVRA, EXCLUÍDA DO
ÂMBITO DA RACIONALIDADE**

Caruaru
2007

KARL BARTH: A PALAVRA, EXCLUÍDA DO ÂMBITO DA RACIONALIDADE

Monografia apresentada como
requisito complementar para
realização do mestrado em Teologia
do Programa de Pós-Graduação em
Teologia do Seminário Teológico
Congregacional do Nordeste.

Caruaru
2007

Introdução

Ao longo da caminhada da igreja, muitas foram às dificuldades na comunicação da Palavra diante dos encontros da sociedade. E comunicar aqui é: cientificar; fazer o outro entender e confiar na mensagem. Assim sendo, essa não é uma questão puramente acadêmica, ou seja, não é um debate meramente intelectual. Porque tanto cristãos intelectuais quanto os que não são dados a estudos científicos querem que a Palavra seja realmente comunicável!

A neo-ortodoxia no desejo de comunicar a Palavra no século XX transformou verdades históricas e imutáveis do cristianismo em palavras conotativas ou de ilusão. Cristo, Jesus, ressurreição, crucificação, verdades centrais para a ortodoxia cristã, se transformaram em palavras conotativas para Karl Barth, isso porque enquanto liberais defendiam uma revelação geral de Deus na experiência religiosa humana; conservadores defendiam a revelação geral de Deus na natureza, ainda que dependessem da revelação especial das Escrituras. Logo, analisar seu pensamento quanto à comunicação da Palavra é ver em primeiro lugar o que significa a Palavra para Karl Barth e como comunicá-la fora do âmbito da racionalidade como assim ele definia.

A questão desta pesquisa é: **Como Karl Barth queria comunicar a Palavra excluindo o campo da racionalidade?**

1 A Palavra Em Karl Barth

Fundador da chamada neo-ortodoxia (conforme conhecemos), um dos teólogos mais importantes do século XX mudando o pensamento protestante da Europa na sua época (e nessa tarefa é comparado a Lutero), Karl Barth, ainda que não tenha deixado uma “escola” formal com o seu nome, vários teólogos assemelharam-se com as proposições dele, deixando profundas marcas no pensamento teológico com um dos seus principais temas: a Palavra de Deus. Numa época em que:

O fundamentalismo estava se desintegrando rapidamente em um ambiente conflituoso de ultraconservadores sectários mais preocupados em combater o evolucionismo e impor o pré-milenarismo do que se engajar na cultura de modo criativo e crítico. (OLSON, 2001, p. 592).

Sua teologia é o resultado de uma educação ortodoxa e de uma formação no liberalismo teológico. Na filosofia Barth confiou em Soren Kierkegaard, que no aspecto da comunicação da Palavra de Deus, foi o precursor da neo-ortodoxia. O comentário de Barth sobre Romanos (1919) tomou como base a Bíblia e a obra de Kierkegaard, mostrando a fraqueza do Liberalismo e carência de uma fé verdadeira em Deus. É exatamente a partir de Kierkegaard que:

Barth e seu grupo começou a apresentar uma alternativa tanto para a teologia liberal quanto para a ortodoxia protestante. (...) Barth se opunha à identificação do cristianismo com um sistema coerente de doutrinas, quer baseado na razão, quer na revelação ou na combinação de ambas. Para ele, o cristianismo, diferentemente da religião, é o relacionamento entre o Deus santo cujas palavras provêm do além-mundo e o ser humano finito e pecador que se curva diante dos mistérios que a razão não pode nem se quer imaginar, muito menos compreender. (OLSON, 2001, p. 590-591).

É aqui que ocorre uma grande questão em Barth, é que os seus comentaristas tiveram uma má compreensão de sua definição a respeito da Palavra revelada, Palavra escrita e Palavra proclamada. A palavra revelada para Barth é Jesus Cristo. Palavra escrita é apenas um relato dessa revelação e a Palavra proclamada é o testemunho encontrado na Bíblia que a igreja dá dessa revelação. Assim:

Barth tentou afirmar que as Palavras escrita e revelada, ambas expressas na proclamada, só agem com eficácia mediante a ação constrangedora de Cristo na Pessoa do Espírito Santo, pois a compreensão humana é incapaz de alcançar, por si só, a mensagem eterna de Deus. A Palavra de Deus passou a ser um evento, algo que acontece, não algo estático no tempo, não no sentido deturpado da expressão, mas no sentido de que, sem a ação do Espírito Santo, a exposição e a leitura da Bíblia nada mais são que repetições sem efeito transformador ou regenerador. (JANSEY, 2003, p. 220).

Então, tem-se claramente aqui um ataque de Barth ao antropocentrismo liberal que tinha como alvo a crítica bíblica. Se a Palavra não está presa no tempo, então não pode ser criticada por ele. Deus é soberano em Si manifestar, não é estático. Logo, a Palavra de Deus não pode ser estática, mas é um evento. E é nesse ponto que Barth não fica com liberais nem com ortodoxos. Porque para os ortodoxos a Palavra de Deus é um livro. Ou seja, “a Palavra salvadora, santificadora e autorizada de Deus vem a nós em um livro”. (PIPER, 2005, p. 84). Então Barth com respeito a Palavra de Deus não se identifica com um lado (liberais), nem com o outro (ortodoxos). É exatamente por isso que:

Para os liberais, Barth foi a praga de sua existência, um ultraconservador com credenciais intelectuais de categoria internacional. Para os conservadores e, sobretudo para os fundamentalistas, ele foi um lobo em pele de ovelha, um liberal disfarçado de cristão que acreditava na Bíblia e amava Jesus Cristo. (OLSON, 2001, p. 594).

Em função deste evento-revelação (mencionado acima), Barth admitiu a inspiração verbal da Bíblia na medida em que as Escrituras são testemunhas de Cristo,

ao passo que rejeitou a inspiração literal, como tentativa de dar uma garantia miraculosa para o testemunho da Escritura. É assim que em Barth

A Escritura tem autoridade porque o próprio Deus a toma e fala através dela (...). A Palavra de Deus é a Palavra ouvida na proclamação da Igreja hoje. A Igreja prega a Palavra que é testemunha de Cristo, a Palavra revelada. Esta Palavra revelada, proclamada na linguagem da Igreja é atestada pela Palavra da Escritura (...) a Escritura é uma produção humana que se torna objetiva se for “revelada”, “escrita” e “pregada” sob a ação do Espírito Santo, caso contrário, não é uma revelação de Deus. (www.monergismo.com>acesso em: 8 de agosto de 07)

Porém, ao contrário do que muitos pensam, Barth tinha a mais alta consideração pela Bíblia. Independente de qualquer atitude humana Deus usa a Bíblia para operar a fé em Jesus Cristo que é a única autoridade acima da Bíblia. A Bíblia é o cetro de Cristo sobre a Igreja. O que Barth faz é negar a posição que a ortodoxia dá às Escrituras, estabelecendo uma diferença entre a Bíblia e a Palavra de Deus. Logo:

A Palavra de Deus tem sempre um caráter de acontecimento; de certo modo, é o próprio Deus relatando seu agir. A Bíblia torna-se a Palavra de Deus em um acontecimento. A Bíblia é a Palavra de Deus à medida que Deus faz com que ela seja sua Palavra, à medida que Ele fala através dela. (GRENZ e OLSON, 2003, p. 82)

Há que se destacar aqui também o que Karl Barth assimilou de um lado (ortodoxia), e do outro (liberalismo). Se de um lado Barth via a necessidade (assim como os ortodoxos), de os homens diante da fé, viver em um estado de humildade, arrependimento e obediência a Palavra; por outro lado Barth via a necessidade (assim como os liberais), de se analisar as afirmações teológicas da igreja. Por isso sabemos que:

A neo-ortodoxia reteve algumas coisas do Liberalismo do século 19, incluindo a explicação científica da natureza e da vida humana, a natureza histórica das declarações e atividades religiosas e a necessidade de relevância por parte da mensagem cristã. (CLOUSE, PIERARD e YAMAUCHI, 2003, p. 532).

Então, é nítida a importância desse tema em Barth. E o que teremos no capítulo seguinte é como Barth queria comunicar a Palavra longe de abordagens e definições racionais, históricas e críticas da Bíblia. Antes disso, é preciso entender que Barth foi bastante influenciado pelo pensamento do Iluminismo, e que à semelhança de Immanuel Kant (1724-1804), que cria em um Deus completamente fora dos nossos relacionamentos e métodos de pesquisas; colocou Deus em uma esfera metafísica, onde não tem envolvimento temporal nem histórico. Deus se revela presencialmente. Ou seja, o “Totalmente Outro” não pode ser verificável pelos modernos métodos de pesquisa.

2 Definindo a Palavra Sem a Razão

No capítulo anterior percebemos que para Barth a Palavra não pode ser comunicada com definição lógica. O uso das palavras: Jesus, ressurreição, crucificação, situa-se sempre no campo do não racional, do não lógico. Como afirma Francis Schaeffer:

A neo-ortodoxia (...) usava palavras com conotação forte, já que elas encontravam-se enraizadas na memória da humanidade (...) Para os novos teólogos, a importância destas palavras encontra-se na ilusão de comunicação gerada, bem como na reação altamente motivada do ser humano, devida à conotação destas palavras. É possível pronunciar a palavra Jesus, reagir a ela, mas a palavra nunca foi definida. (SCHAEFFER, 2002, p. 65)

Nada pode ser definido pela razão em Barth, e aqui, o vemos profundamente marcado por Kierkegaard que via a fé como submissão da razão à fé que transcende a razão com base na Revelação. A razão que pretende existir como agente facilitador da relação do homem com Deus é espúria. Como afirma Hermisten Maia Pereira da Costa explicando esta questão: “Deus não se deixa invadir pela razão humana ou mesmo pela fé; Ele se dá a conhecer livre, fidedigna e explicitamente; Deus Se revela a Si mesmo como Senhor e, Senhorio significa liberdade” (COSTA, 2004, p. 171). Pelo fato da irrevogável diferença que há entre Deus e a criatura de um modo geral é que Barth acentua Deus como “o Totalmente Outro”. A capacidade de discernir toda a verdade não pode ser atribuída à razão. Sobre isso afirma Roger Olson:

Barth evitou a teologia natural, as defesas filosóficas da revelação divina, a apologética racional e qualquer outro alicerce racional para o conhecimento cristão de Deus além do próprio evangelho de Jesus Cristo legítimo em si mesmo. (OLSON, 2001, p. 594).

Logo, Barth não admitia a fundamentação da fé cristã em outra coisa que não fosse a Palavra de Deus, pois era exatamente assim que ele criticava liberais e fundamentalistas conservadores por eles terem uma teologia condicionada a sua cultura. Enquanto liberais defendiam uma revelação geral de Deus na experiência religiosa humana; conservadores defendiam a revelação geral de Deus na natureza, porém, dependiam da revelação especial das Escrituras. Enquanto o primeiro grupo transformava a fé cristã numa filosofia de ética e moral, o outro intelectualizou a fé cristã necessariamente como um conteúdo de afirmações dogmáticas a serem aprendidas e cridas. Então é aqui que encontramos Barth dizendo não às duas maneiras de pensar, e enfatizando que Deus fala. É o próprio Deus quem decide falar ou se comunicar pessoalmente ao homem. Portanto:

Esse é o “realismo” de Barth, a idéia de que Deus se revela em atos de auto-revelação. A Palavra de Deus, revelação divina, nunca é um objeto a ser possuído. Não pode ser manipulada nem dominada. Ela acontece. Já aconteceu em Jesus Cristo. Acontece nas Escrituras. Pode acontecer na proclamação e no ensino. Jesus Cristo é Senhor das Escrituras e da Igreja. (OLSON, 2001, p. 597)

Então, em Barth a Palavra não deve ser procurada em qualquer outro lugar a não ser na própria Palavra. Ele rejeita qualquer forma de teologia natural, desconsiderando a revelação geral de Deus na natureza, a apologética, tentativas de provar a existência de Deus, rejeitava identificar a revelação de Deus com a Bíblia, como criam e faziam os conservadores. Portanto: “A revelação acontece. Jesus é Senhor. A Bíblia é a testemunha básica da grandeza de Jesus. A Inspiração da Bíblia encontra-se em seu uso por Deus como instrumento e testemunha especiais”. (OLSON, 2001, p. 598).

Não há como os humanos conceberem e decifrarem a Palavra de Deus, que é o próprio Deus, por meio do seu raciocínio. O pensamento humano sendo finito não

pode ser certo em relação ao infinito, porém, não significa que Deus não possa se relacionar com as suas criaturas com amor, “na base da revelação divina, Barth insistia que mesmo no relacionamento amoroso, sofredor e totalmente envolvido com o mundo, Deus sempre foi o Senhor” (OLSON, 2001, p. 599). Esse é o paradoxo de Barth, conforme já pensava Kierkegaard.

Não pode haver coerência no pensamento humano sobre a Palavra de Deus, porque as categorias finitas não podem pensar de maneira coerente sobre Deus que é infinito. Barth entendia que:

As teologias liberal e protestante conservadora são formas de racionalismo porque buscam uma coerência perfeita. Segundo Barth, se Deus é Deus, o pensamento finito não pode chegar a uma síntese perfeitamente coerente em relação a ele. Ele deve simplesmente seguir a revelação divina para onde quer que esta o guie e dar-se por satisfeito se ela levar a impasses nos quais pensamentos aparentemente opostos devam ser igualmente acolhidos. (OLSON, 2001, p. 600)

Para Barth a razão sempre esta a serviço da fé. O resultado disso é que:

A teologia cristã não pode ser uma ciência objetiva e desapaixonada, mas deve ser compreensão da revelação objetiva de Deus em Jesus Cristo, possível somente através da graça e da fé. (...). Em outras palavras, Barth afirmou que o pré-requisito para a teologia correta é uma vida de fé e sua marca é o desejo de jamais contradizer a Bíblia. (GRENS e OLSON, 2003, p. 79).

Como o evangelho vem de um Deus completamente distinto dos humanos, estes precisam se render a Deus, e nunca transformar o evangelho em uma mensagem religiosa que fala aos homens de uma divindade que é quase “sua”. A teologia não pode ser centralizada no homem, conforme estava sendo na sua época, e sim em Deus. Ao longo do seu comentário: Carta aos Romanos, ele argumenta que: “Essas grandes verdades não podem ser construídas a partir da experiência universal humana ou da razão, mas devem ser recebidas pela revelação de Deus numa atitude de obediência” (GRENS e OLSON, 2003, p. 78). Logo, para Barth a Palavra de Deus não pode ser

apoiada no raciocínio humano aos modos humanos e históricos de se comunicar um pensamento. E essa é a grande luta de Karl Barth na comunicação da Palavra:

O conhecimento de Deus não é uma capacidade inata da natureza ou da experiência humana, mas é possível apenas porque Deus graciosamente o concede em Jesus Cristo, que é tanto Deus quanto homem. Ou a pessoa “vê” Jesus Cristo como o Caminho, a Verdade e a Vida ou ela não o vê de forma alguma. Nada há como provar essa verdade. Aliás, toda tentativa de provar a pessoa de Cristo beira a idolatria, pois coloca Deus e sua revelação sob a análise da razão humana. (GRENS e OLSON, 2003, p. 80).

Assim sendo, não há possibilidade de se comunicar a Palavra confiando em categorias e afirmações humanas. Essa é a teologia da Palavra. A grande tarefa da Igreja é proclamar essa Palavra em fé somente pela Palavra, de forma que os homens a recebam como sendo a Palavra ou não há outra forma de se proclamar a Palavra e conseqüentemente de recebê-la.

Conclusão

A consequência de se comunicar a Palavra partindo sem o racional em Barth é que ele aceita a revelação especial, mas nega a revelação histórica, geral (repudiando qualquer idéia da teologia natural), e proposicional argumentando que Deus nunca usa nada (palavras) para se revelar. Deus se auto-revela, sem a necessidade de atos ou palavras para se revelar. Ele simplesmente se dá a conhecer no evento-Cristo.

Ele lutou todo tempo contra a historicidade da revelação porque a revelação não é uma narrativa sobre Deus. Quando Barth fala sobre a Bíblia, ele demonstra que os escritores bíblicos descreveram a sua experiência, mas não descreveram a revelação divina, porque esta é um evento e não pode ser verificada historicamente, o que vai totalmente de encontro a posição ortodoxa. A revelação não pode ser narrada. O conteúdo das narrativas é que são a revelação, mas as histórias em si mesmas não são a revelação porque Deus não pode ser registrado.

É assim que Barth passa a comunicar e ensinar a Palavra. Ele negou a possibilidade de Deus ser conhecido pelo uso da razão, mesmo com a verificação das obras da natureza, (revelação natural), e da história (a narrativa bíblica).

Excluir o âmbito da razão na comunicação da Palavra no conceito de Barth é definir a Palavra sem evidencia histórica, sem data histórica e sem dados históricos.

Logo a comunicação da Palavra de Deus é a comunicação do próprio Deus. Deus se comunica diretamente e não depende de nada ou ninguém.

Referenciais Bibliográficos

CLOUSE, Robert G.; PIERARD, Richard V.; YAMAUCHI, Edwin M. **Dois Reinos; a igreja e a cultura interagindo ao longo dos séculos.** 1. ed. Cultura Cristã, 2003.

CAMPOS, Heber Carlos de. O Impacto da Filosofia de Kant Sobre a Doutrina da Revelação em Karl Barth. **Fides Reformata.** Brasil

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A Teologia do Século 20; Deus e o mundo numa era de transição.** 1. ed. Cultura Cristã, 2003.

COSTA, Herminsten Maria Pereira. **Raízes da Teologia Contemporânea.** 1. ed. Cultura Cristã, 2004.

JANSEY, Túlio. **Filosofia e Teologia no século XXI; da gênese à contemporaneidade.** 1. ed. Abba Press, 2003.

FERREIRA, Franklin. **Karl Barth: Uma Introdução à Sua Carreira e aos Principais Temas de Sua Teologia.** Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/biografias/barth_franklin.pdf>. Acesso em: 3 de Ago. 2007.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã.** 11^a. ed. Cultura Cristã. 2000.

NOLL, Mark A. **Momentos decisivos na História do Cristianismo.** 1. ed. Cultura Cristã. 2000.

OLSON, Roger E. **História da Teologia Cristã; 2000 anos de tradição e reformas.** 1. ed. Editora Vida. 2001.

PIPER, John. **O Legado da Alegria Soberana; A graça triunfante na vida de Agostinho, Lutero e Calvino.** 1. ed. Shedd Publicações. 2005.

SCHAEFFER, Francis A. **A Morte da Razão; a desintegração da vida e da cultura moderna.** 1. ed. Cultura Cristã. 2002.